

Tenho o prazer de me dirigir aos participantes do IMTC 2014-Brazil, como funcionário aposentado do BC após 36 anos de casa, mas principalmente como novo membro do time do Banco Ourinvest, em São Paulo, a quem me juntei recentemente e onde espero permanecer pelos próximos 36 anos. Afinal, depois de tantos anos como funcionário público, tinha a obrigação de **escolher bem onde passar** os anos vindouros.

Sou neto de italianos e espanhóis, o que me habilita ser comedor de **polenta com frango** (coisas da Nona Paschoa) ou de **bacalhau com grão de bico**, que minha avuelita Adélia, espanhola, chamava de **garbanzo**. Na cidade onde vivi meus primeiros 18 anos (Ipaussu, SP), de 10 mil habitantes, o comercio era dominado por **sírios** (os Makários, os Murad), **libaneses** (os Maluf) e por **palestinos** (família Miguel). Os **italianos** Cossi e Zillo Maestro disputavam terreno no comercio. Hortifrúti já eram produzidos e comercializados por **japoneses** (Utyiama Sam). Claro, **portugueses** nas padarias... Havia **indianos** (os Bassanta), **judeus** (os Cury), **espanhóis**, **afrodescendentes** e até **baianos** (os Guidio, aliás, grandes políticos locais). Não me lembro de qualquer cidadão originário do continente americano, fora do Brasil.

Hugo Cuevas! Não estranhe, pois, que em uma festa de aniversário de crianças no Brasil é comum se encontrar **quibes e esfirras** (quitutes árabes); **bolos e docinhos** bem portugueses; **sangria de vinho tinto**, bem espanhol; **pasteizinhos**, à moda dos chineses imigrantes, **cachorro quente e Coca-Cola**, ao sabor americano; e assim por diante.

Numa brasileiríssima churrascaria facilmente se encontram os japoneses **sushi e sashimi**; os árabes **tabule e babaganuche**; os espanhóis **bacalhau e jamon serrano**; alemaníssimos **apfelstrudel**; as **massas** italianas; **queijos e vinhos** franceses e até **peixe e fritas** (ou *fish and chips* que os ingleses pensam só existir na Inglaterra). Evidentemente, há **bolinhos de bacalhau e os pasteis de Belém** com a marca de Portugal.

Fazemos **pizzas** mais e melhor que os italianos e que o povo de Chicago, cidade metida a ser capital mundial da Pizza. Nossa **cerveja** briga com as belgas e alemãs, ponto a ponto. OK, para **uísque**, preferimos os escoceses, **vinhos** franceses e **tequila** mexicana, que ninguém é de ferro.

**Somos, portanto, um país plural, internacional.**

**Somos?**

**Vamos nos lembrar que os gráficos e tabelas mostrados pelo Hugo Cuevas-Mohr não incluem o Brasil entre os 22 maiores em Inflows e outflows de remessas de migrantes**

---

## Atentem para isso:

Em janeiro/13, durante o seminário "**Política Migratória Produção e Desenvolvimento**", o então ministro da **Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE) da Presidência da República**, Moreira Franco, destacou que, nos últimos 100 anos, o Brasil retrocedeu e parou no tempo ao dificultar a entrada de mão de obra estrangeira. Segundo ele, hoje, apenas 0,3% da população brasileira é composta por imigrantes e um terço desse total tem mais de 65 anos. Em 1900 (quando meus avós chegaram ao Brasil) o País chegou a ter 7,3% da população composta por imigrantes.

E trouxe à luz estudos daquela secretaria segundo os quais, para compensar a escassez de profissionais qualificados é necessário facilitar a vinda de estrangeiros gabaritados para o País.

**Segundo a SAE, o Brasil precisaria ter cinco vezes mais imigrante para alcançar a média latino-americana, dez vezes mais para alcançar a média mundial e 50 vezes mais, para chegar aos números da América do Norte e Oceania.**

### ***Peço que guardem essa informação no seu ARQUIVO 1***

---

**Notícia de novembro/2013, nos faz saber que o BRASIL PRECISA IMPORTAR MILHARES DE CAMINHONEIROS.**

E é justamente isso que o SETCEPAR, Sindicato paranaense que representa as empresas de **transporte rodoviário de cargas** está considerando, para fazer frente ao déficit de mais de cinco mil motoristas no Estado, a importação de mão-de-obra. A ação dos transportadores do Paraná se justifica pelo estado crítico em que se encontram algumas empresas associadas ao Sindicato, segundo o seu presidente, Gilberto Cantu, além da óbvia falta de infraestrutura e segurança nas estradas, ..., não houve por parte do setor um incentivo de captação de profissionais, ou seja, os órgãos relacionados não se atentaram a o crescente desinteresse, inclusive dos filhos de caminhoneiros, pela profissão.

Está analisando currículos de profissionais de países como **Argentina, Colômbia e Paraguai**, onde é possível encontrar uma qualidade interessante.

**Victor José**  
**(Transporta Brasil – 07/11/2013)**

### ***Peço que gravem mais esse detalhe no seu ARQUIVO 2***

---

Em abril do ano passado, e também baseada na Secretaria de Assuntos Estratégicos, a **BBC do Brasil** publicou interessante estudo sob o título:

## **BRASIL PRECISA DE 6 MILHÕES DE PROFISSIONAIS ESTRANGEIROS**

**(Camilla Costa**

**Da BBC Brasil em São Paulo**

**Atualizado em 22 de abril, 2013 - 08:01 (Brasília) 11:01 GMT)**

**Disse a BBC que, uma nova estratégia de "atração de cérebros" poderá trazer cerca de 6 milhões de profissionais estrangeiros para o Brasil nos próximos anos, segundo a Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE) do governo.**

Com o auxílio de grupos de especialistas e consultorias de mercado, a secretaria quer desenvolver uma política de atração de profissionais - o número, no entanto, não inclui imigrantes de baixa qualificação e, sim, profissionais altamente qualificados que possam atender a demanda atual da economia brasileira.

*"Imigrantes qualificados são o foco do esforço. Não é uma política geral de imigração, é uma estratégia de atração de cérebros.", disse o ministro-chefe interino da SAE Marcelo Neri à BBC Brasil. Neri afirmou que a estimativa de 6 milhões foi feita considerando levantamentos de uma comissão de especialistas e de pesquisas com as empresas e o público em geral.*

**A expressão "apagão de mão de obra" é usada com frequência por analistas de mercado nos últimos anos para se referir a uma identificada escassez de profissionais altamente qualificados no Brasil.**

Um levantamento da Brasil Investimentos e Negócios (Brain) - consultoria que realiza pesquisas sobre a inserção do Brasil no mercado internacional e colabora com a SAE - afirma que medicina, engenharia civil, engenharia química e arquitetura são áreas em que o país precisa de mais profissionais do que os disponíveis. *"Independentemente da política realizada para a educação, não vamos ter resultados imediatos. O resultado de políticas públicas acontece em duas ou três gerações", diz André Luiz Sacconato, analista da Brain. E continua: "Existe um buraco entre os resultados de políticas e o que o Brasil necessita hoje. Os imigrantes viriam para suprir essa lacuna."*

***Arquivo 3 por favor.***

---

**E last but not least,**

Uma importante consultoria de SP recentemente publicou estudo segundo o qual, **se o Brasil voltar a crescer 4% ao ano (como todos desejamos) teremos necessidade de importar mão de obra à razão de 1 milhão de pessoas por ano**, ai incluídos todos os níveis de qualificação profissional. Lembre-se que já no ano passado, o Brasil abriu-se para médicos estrangeiros, tendo já recebido aproximadamente 12 mil doutores, a maioria originária de Cuba.

***Some essa informação às 3 anteriormente arquivadas na memória.***

Leve em conta ainda que a taxa de desemprego ficou em 4,8% em janeiro, o mais baixo patamar para o mês desde 2003, informou o IBGE no dia 20 de fevereiro último. Há discussões sobre esse índice como é o caso da fundação SEADE e do DIEESE. Para eles, a taxa média de desemprego em seis regiões metropolitanas, foi de 9,5% nesse mesmo janeiro de 2014. Os dados foram divulgados no dia 26 de fevereiro. Há críticas a ambos os métodos, tanto o otimista quanto o pessimista (que aliás se limita a 6 regiões metropolitanas). Mas mesmo quem o situa no ponto mais alto, reconhece que o Brasil está em alto nível de emprego. Em muitas áreas ocorre o chamado “apagão de emprego”.

**PORTANTO**

Só podemos concluir que o Brasil vai voltar a ser um país de imigrantes. Se buscarmos os 7% de estrangeiros que tivemos um século atrás, poderíamos chegar a ter 14 ou 15 milhões de forasteiros por aqui. Mas, nos concentremos nos 6 milhões previstos pela SAE: isso significa, para nos restringirmos ao âmbito e escopo do IMTC, crescer de 5 a 10 vezes, no mínimo, o mercado de *remittances* no sentido *OUTBOUND*.

Se atualmente se remete ao exterior por volta de US\$ 1 bilhão ao ano, esse número pode crescer para algo entre 5 e 10 bilhões de dólares/ano na próxima década. A imprecisão se deve ao desconhecimento quanto ao grau de qualificação da mão de obra que deve vir ao Brasil.

No ano passado, por exemplo, a maior corrente imigratória para cá foi composta de haitianos, de baixa qualificação profissional, com baixo potencial de remessas, ao menos nos primeiros anos. Claro que foram batidos pelos milhares de médicos cubanos, porém esses tem uma estrutura de pagamentos e remessas totalmente controlada, sem passar – por hora – pelo mercado.

É claro que a chegada de gigantes do setor como **Western Union**, Moneygram, More, Small World nos últimos anos, demonstra que esse movimento já vem sendo detectado. A propósito, 4 anos atrás no IMTC de Miami, já havia dado essa notícia, mas o pequeno crescimento do PIB que se seguiu, abaixo de 2% ao ano, em média, atrasou a realização de grandes movimentos migratórios.

**O que fazer?**

O pequeniníssimo número de imigrantes no Brasil não nos forçou, dada a baixa demanda, a simplificar os procedimentos para esse tipo de remessas de pequeno valor individual, assim como ainda não conseguimos capturar toda a estatística das remessas de brasileiros expatriados em direção ao Brasil. A quantia de lojas que pagam os brasileiros em cidades exportadoras de mão-de-obra, caso típico de Governador Valadares (Valadólare?) demonstra isso. Mas não vamos discutir isso hoje.

O BC do Brasil deu um importante passo ao admitir a figura do correspondente cambial, localizado em qualquer tipo de estabelecimento comercial, porém não foi suficiente. Por quê? As instituições financeiras se queixam que a ação do seu correspondente é de total responsabilidade de quem o credenciou, o que parece justo à primeira vista, mas que, na prática, é extremamente complicado de se administrar.

Imaginem credenciar bares e padarias, restaurantes e lojas de materiais de construção, em lugares longínquos em relação às sedes das instituições financeiras. Uma instituição do Rio de Janeiro exercer o compliance sobre um correspondente no Acre; uma instituição paulista fiscalizar a ação de um correspondente em Roraima e assim por diante. Economicamente é inviável; tecnicamente não é prático.

A decisão mais simples acaba sendo não credenciar, deixando parte do Brasil à margem do sistema financeiro legal. Em mãos do mercado “B”, como bem explanou o Cuevas minutos atrás citando o World Bank....

Sugestão: redefinir as responsabilidades de instituições financeiras e seus correspondentes, sem transferir ao credenciador a total responsabilidade dos atos dos credenciados, pelo menos até um valor, digamos, de 500 ou MIL DOLARES por remessa. A instituição financeira, neste caso, seria um prestador de serviços aos agentes credenciados, um orientador em relação às normas brasileiras e internacionais aplicáveis e meio de conduzir estatísticas ao BC do B.

Outra opção, seria estimular as remessas por meio de cartões de fácil rastreabilidade e baixos custos.

Se não facilitarmos esse relacionamento entre instituição financeira e correspondente cambial, vamos – uma vez mais – conduzir essas operações ao mercado paralelo de câmbio.

Esta é minha principal recomendação, feliz porque gente do quilate de Geraldo Magela permanece no Banco central. Com gente assim é possível... Outros velhos guerreiros como os aqui presentes João Carlos Gimenez e Radjalma Costa (e nós, claro) – entre muitos outros – estaremos sempre prontos a colaborar.

Obrigado a todos.

**Emilio Garofalo Filho**